

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO COM BASE NO PERFIL DE ALUNOS DO 8º E 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Alan Bizerra Martins

Graduando do Curso de Geografia
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
alanmartinsgeo14@gmail.com

Elson Pereira de Almeida

Graduando do Curso de Geografia
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
geo.elsonalmeida@gmail.com

Ana Clédina Rodrigues Gomes

Prof^aDr^a da Faculdade de Ciências da Educação
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
ana.cledina@unifesspa.edu.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo verificar os tipos de preconceito e/ou discriminação vivenciados ou presenciados por estudantes que frequentam uma escola pública no município de Marabá-PA, relacionando-os ao seu perfil sociocultural. A pesquisa foi realizada a partir de um estudo de caso, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Salomé Carvalho, nas turmas do 8º e 9º ano. Para obtenção dos dados foram investigados 64 alunos que compõem tais turmas. O instrumento utilizado pela equipe de pesquisa contou com perguntas nas seguintes categorias: escolaridade; características étnico-raciais; naturalidade; religião e percepção sobre preconceito/discriminação. O estudo apontou que a maioria dos estudantes já se sentiu ou vivenciou cenas de preconceito/discriminação. Embora o estudo tenha explorado poucas questões, estas foram eficientes na identificação de situações que precisam ser corrigidas no âmbito educacional.

Palavras-Chave: Diversidade Cultural. Preconceito. Educação Básica.

Introdução

Apesar dos inúmeros estudos (GOMES e SILVA, 2011) e ações públicas voltadas ao combate à discriminação, preconceito e exclusão sofridos por estudantes, episódios dessa natureza ainda são bastante comuns no âmbito da escola básica, segundo Mantoan (2009). As consequências dessas situações são muitas vezes irreparáveis no comportamento desses indivíduos. No caso da escola, agência promotora da formação educacional, quando registra episódios discriminatórios e excludentes torna-se contraditória quando no cumprimento de seu papel em prol do fortalecimento das culturas e/ou de novos significados para o negro, o indígena, as identidades de gênero, as opções religiosas, entre outras características que compõem o perfil de cada pessoa, o que a torna um ser diverso, com direitos igualitários. Cabe à escola e seu processo educativo, formar sujeitos que apresentem concepções humanas mais abrangentes e valorativas da pessoa.

¹Este trabalho faz parte do Projeto de Extensão denominado *Formação Continuada e Produção de Metodologias de Ensino Pautadas na Diversidade Cultural*, realizado no âmbito do Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica – PAPIM pela Faculdade de Ciências da Educação (FACED) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

Quanto a essa questão, Gomes e Silva (2011) citam que:

[...] o campo da educação deve ser compreendido de forma articulada com as lutas sociais, políticas e culturais que se desenrolam na sociedade. O direito à educação escolar sempre foi uma bandeira de luta daqueles que empenham esforços pela justiça e pela igualdade social. (GOMES e SILVA, 2011, p. 15-16)

Atualmente essa luta se direciona às formas de atuação dos agentes educacionais no âmbito da escola, ou seja, com a inserção de novos sujeitos e toda a diversidade cultural que os acompanham, a escola necessita repensar sua atuação e promoção da interação entre esses sujeitos diferentes.

O presente trabalho tem como objetivo central verificar os tipos de preconceito e/ou discriminação vivenciados por estudantes que frequentam uma escola pública no município de Marabá-PA, em decorrência de seu perfil sociocultural. Nesse sentido, o estudo parte da identificação do perfil dos estudantes da Educação Básica e sua relação com situações de preconceito, exclusão ou discriminação praticadas no âmbito da escola.

A pesquisa em questão se realiza a partir de um estudo de caso, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Salomé Carvalho, localizada no município de Marabá-PA, nas turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Sendo que o estudo foi constituído a partir das seguintes etapas:

- Reunião com os membros que fazem parte do Projeto que deu origem ao estudo, a saber: *Formação Continuada e Produção de Metodologias de Ensino Pautadas na Diversidade Cultural* (2016), desenvolvido no âmbito do Curso de Pedagogia da UNIFESSPA. Tal reunião visou realizar o planejamento das ações a serem executadas no decorrer da pesquisa;
- Elaboração de um questionário para coleta de dados referentes ao perfil dos estudantes;
- Aplicação do questionário nas turmas do 8º e 9º ano. Vale ressaltar que o critério utilizado para escolha das turmas foi a faixa etária dos alunos, entre os 13 aos 16 anos, o que facilitaria sua compreensão e resposta aos questionários;
- Sistematização e análise dos dados coletados;

A seguir apresentamos o desenvolvimento e resultados da pesquisa, embora de forma resumida, uma vez que o formato deste trabalho não permite apresentar as discussões de forma mais ampliada. Ressaltando-se que trata-se de um estudo em andamento, uma vez que o projeto que o origina ainda não foi concluído.

Resultado e Discussão

Para obtenção dos dados foi investigado um total de 64 alunos das turmas de 8º e 9º ano de uma escola municipal de Ensino Fundamental localizada em Marabá-PA. Apenas uma aluna se recusou a responder as perguntas e devolveu o questionário. Assim, foram identificados 35 estudantes do gênero feminino e 29 do gênero masculino. Embora o questionário tenha apresentado a alternativa “outro” para identificação do gênero, essa opção não foi marcada por nenhum dos estudantes.

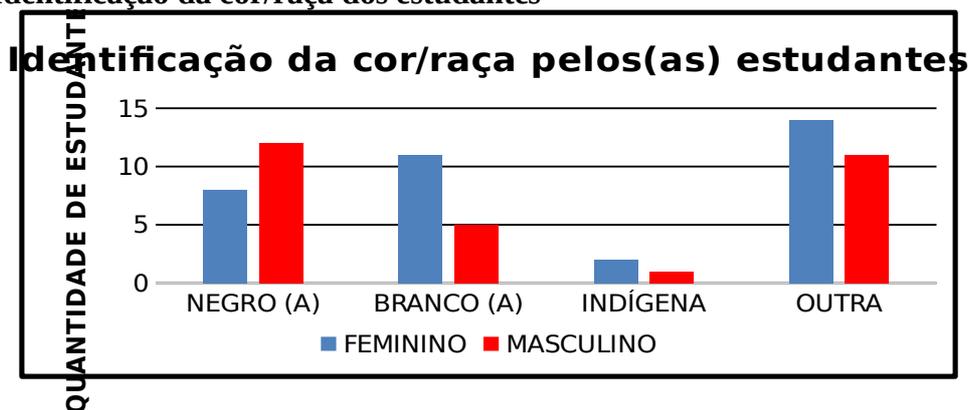
Os estudantes responderam ao questionário aplicado pela equipe de pesquisa, sendo que tal documento contou com perguntas nas seguintes categorias: escolaridade; características étnico-raciais; naturalidade; religião e percepção sobre diferenças/preconceito. A intenção foi identificar o perfil sócio-físico-cultural e cenas de preconceito vivenciadas ou percebidas no ambiente familiar e escolar.

Durante a aplicação do questionário os estudantes demonstraram algumas reações quando refletiram sobre si próprios, principalmente na pergunta condizente com sua característica étnico-racial, na qual muitos se voltaram para a observação de seu corpo com o fim de responder à pergunta. Alguns chegaram a buscar a confirmação de outros colegas sobre seus aspectos físicos, como se buscassem na opinião do outro a comprovação/aceitação sobre seu tipo físico, algo bastante comum entre adolescentes, que precisam se sentir aceito no grupo, mas chama a atenção a reação naquele momento, pois seria algo que já deveria ter sido constatado anteriormente pelos mesmos.

Ou seja, apesar da diversidade étnico-racial fazer parte da constituição da natureza humana e ser uma característica marcante em qualquer sociedade, presente nos diversos grupos e espaços sociais (GOMES e SILVA, 2011), a valorização das diferenças e o reconhecimento de si ainda parece ser algo pouco explorado no contexto educacional, demonstrado pela pouca familiaridade dos estudantes investigados em relação ao seu tipo físico-cultural. Ou seja, a pergunta não foi algo respondido de imediato, como era de se esperar.

O quadro abaixo apresenta as respostas apresentadas pelos estudantes, ressaltando-se que o questionário apresenta as opções negro, branco, indígena e outro. Vale ressaltar que a região na qual residem os sujeitos investigados possui várias aldeias indígenas e normalmente são considerados indígenas aqueles indivíduos que residem nessas aldeias, embora muitos tenham feito opção por sair da aldeia, passando a possuir outro estilo de vida, vivenciado por “não-índios”.

Quadro-1: Identificação da cor/raça dos estudantes

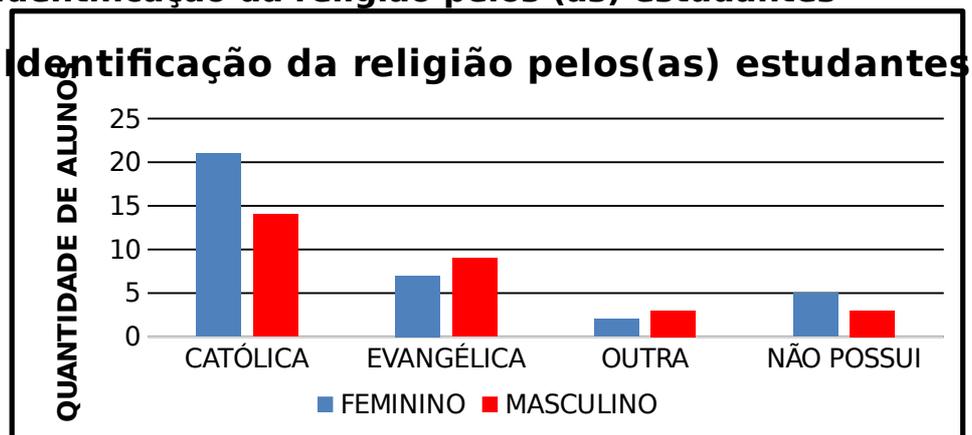


Fonte: Questionário aplicado pela equipe da Pesquisa/2016.

Observa-se que a identificação da cor/raça pelos estudantes é predominante na opção “outra”, descrita pelos respondentes como parda ou morena, o que significa dizer que embora muito tenham afirmado serem negros, sobrepondo-se sobre aqueles que se identificaram como brancos, percebe-se ainda a predominância daqueles que ainda se sentem mais à vontade com expressões como moreno ou pardo para identificar sua cor/raça. O recorte retrata o perfil da sociedade brasileira, apresentada pelo IBGE, quando grande parte da população se auto-denomina pardo ou preto, caracterizando o povo brasileiro como afro-descendente em sua maioria.

A contradição aparece quando buscamos identificar elementos da cultura negra e aparecem aqueles de influência europeia, como no caso da religião, retratada no quadro abaixo.

Quadro-2: Identificação da religião pelos (as) estudantes



Fonte: Questionário aplicado pela equipe da Pesquisa/2016.

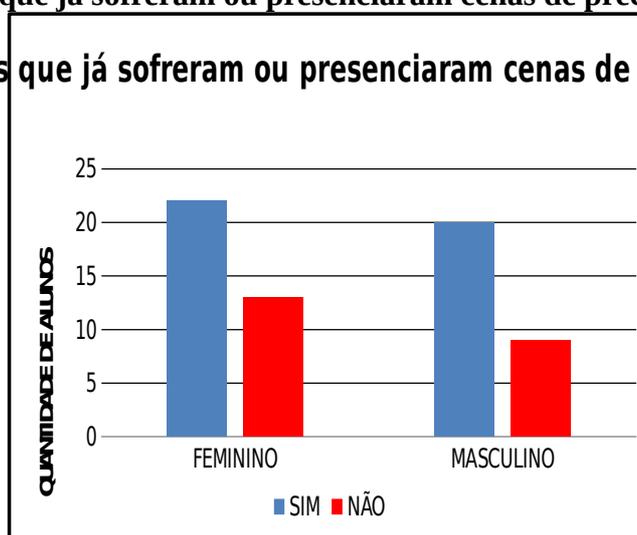
Vale ressaltar que o questionário aplicado não apresenta opções em relação à religião praticada pelos estudantes, apenas pergunta se praticam e caso a resposta tenha sido positiva, pede que a identifiquem. Conforme se pode observar, são apresentadas apenas as religiões de origem

européia, ou seja, de raiz cristã, em detrimento da origem afro-descendente identificada no perfil dos estudantes. Mesmo aqueles estudantes que optaram por não indicar a religião católica ou evangélica, indicaram outra religião cristã. Com exceção dos 12,5% dos estudantes que afirmaram não praticar nenhuma religião, nenhum outro apresentou opção condizente com as religiões de matrizes africanas ou indígenas, o que não condiz com a origem étnica-racial apresentada no Quadro 1.

Quando questionados sobre se já se sentiram discriminados por algum motivo ou se presenciaram alguma cena de preconceito na escola, a maioria afirmou que sim, conforme apresentado no quadro 3.

Quadro-3: Estudantes que já sofreram ou presenciaram cenas de preconceito

Estudantes que já sofreram ou presenciaram cenas de preconceito



Fonte: Questionário aplicado pela equipe da Pesquisa/2016.

Os dados apontam um quadro preocupante, tendo em vista que a maioria dos estudantes sofreu ou presenciou algum tipo de preconceito, sendo ainda maior esse índice entre o gênero feminino. As situações relatadas pelos indivíduos entrevistados se reportaram a apelidos veiculados no interior da escola; outros citaram preconceito pelo tipo do cabelo e com da pele, o tipo físico (magro ou gordo), estatura, opção sexual e personalidade. Sendo que entre as respostas prevaleceu o preconceito racial e o tipo físico, aparecendo também o preconceito sexual, embora nenhum estudante tenha se autodenominado fora dos gêneros feminino ou masculino.

Considerações Finais

Embora tenhamos explorado poucas questões, estas foram eficientes na identificação de situações que precisam ser corrigidas no âmbito educacional. O fato da auto-afirmação, resgate e reconhecimento da história e cultura que origina cada indivíduo é algo já fomentado pelas políticas públicas, como o caso da Lei nº 10.639/2003, mas que conforme observado no estudo, ainda não logrou êxito. Vale ressaltar que em outra extensão da pesquisa está sendo feito um estudo sobre a religiosidade dos sujeitos da mesma escola, uma vez que foi apontado pelos professores suas dificuldades em relação à religião praticada pela maioria dos indivíduos no desenvolvimento de atividades pedagógicas.

Daí se pode perceber que se faz necessária a identificação do perfil dos estudantes e suas características pessoais, bem como sua percepção de mundo e relacionamento com o outro para que a escola possa atrelar seu trabalho voltado para o desenvolvimento escolar, de cunho científico, atrelado ao desenvolvimento da pessoa, ou seja, que cumpra seu papel como agência promotora da educação e desenvolvimento social.

Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639>.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. Experiências Étnico-Culturais para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O Desafio das Diferenças nas Escolas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.